REVISTA INDAGAÇÕES EM EDUCAÇÃO

OCUPAÇÕES E RE_EXISTÊNCIAS[a]: PRÁTICAS EDUCATIVAS, ARTÍSTICAS E POLÍTICAS DE COLETIVOS JUVENIS NA CIDADE DE TERESINA/PIAUÍ/BRASIL (2012-2021)

OCCUPATIONS AND RE-EXISTENCES: EDUCATIONAL, ARTISTIC PRACTICES AND CITIZEN POLICIES OF YOUTH COLLECTIVES IN TERESINA/PIAUÍ/BRAZIL (2012-2021)

Shara Jane Holanda Costa Adad
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7711-6325
Universidade Federal do Piauí, Brasil
E-mail: Shara_pi@hotmail.com

Luciana de Lima Lopes Leite
ORCID: http://orcid.org/0000-0003-2535-8749
Universidade Federal do Piauí, Brasil
E-mail: lufour@gmail.com

Krícia de Sousa Silva
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3169-8849
Universidade Federal do Piauí, Brasil
E-mail: kriciasousa@hotmail.com

RESUMO

Este relato de experiência integra as investigações do Observatório das Juventudes e Violências na Escola – OBJUVE inserido no Núcleo de Estudos e Pesquisas “Educação, Gênero e Cidadania” – NEPEGECI e se propõe a dar visibilidade para as práticas de resistência de coletivos juvenis ARTEVistas, consideradas micropolíticas que possibilitam práticas educativas, artísticas e políticas de juventudes frente às inúmeras exclusões e violações de direitos humanos, formas biopolíticas e necropolíticas dos diversos poderes institucionalizados. A metodologia desenvolvida tem como base a observação direta do intenso movimento das experiVivências de jovens nas ocupações existentes e atuantes nos espaços públicos e privados de Teresina/PI, entre os anos de 2012-2021, a partir de uma etnografia dos atravessamentos e da criação de afetos e dos conhecimentos produzidos no/com o campo e seus sujeites - vozes que se [re]constroem e se misturam em meio ao ARTEvismo e a reXistência. É possível concluir que nas ocupações coletivas de resistência outros/novos espaços sociais e relacionais são inventados, criando linguagens, tecnologias e práticas educativas, artísticas e políticas que re_conectam os jovens às pessoas de diferentes gerações e de outros lugares da cidade. É também um convite a re_pensar o cotidiano e as relações de poder que envolvem a todes, especialmente às/aos jovens, sonhando outros mundos possíveis através da arte que inventa afetos e os possibilitam re_eXistir nos espaços que atuam e vivem. .

Palavras-chave: Ocupações. Resistências. Práticas educativas, artísticas e políticas. Juvenis. Cidade.

a – Termo usado para se referir ao ato de resistir em existir nas lutas sociais e coletivas pela vida e pela dignidade.

ABSTRACT

This experience report integrates the investigations of the Observatory of Youth and Violences at School -OBJUVE within the Research Center "Education, Gender and Citizenship" – NEPEGECI and stands for bringing visibility to the resistance practices of ARTevist youth collectives, considered micropolitics that enable educational, artistic and political practices of youth in the face of the numerous exclusions and violations of human rights, biopolitical and necropolitical forms of the various institutionalized powers. The scientific method was developed based on the direct observation of the intense movement of the experiences of young people in the existing and active occupations in public and private spaces of Teresina/PI, during the 2012-2021 window, from an ethnography of border crossing and the development of affections and knowledge produced in/with the field and its subjects - voices that [re]build and blend in the midst of ARTevism and reXistence. It is possible to conclude that in the collective occupations of resistance other/new social and relational spaces are invented, creating languages, technologies and educational, artistic and political practices that re_connect young people to people of different generations and from other places in the city. It is also an invitation to re_think the daily life and the power relationships that involve everyone, especially young people, dreaming other possible worlds through art that invents affections and allows them to re_eXist in the spaces where they act and live.

Keywords*: Occupations. Resistance. Educational, artistic and Political Practices. Youth. City.*

> Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.
>
> *Deleuze & Guattari*

Introdução

As experiências investigativas que aqui problematizamos formulam uma tríplice vertente de ensino, pesquisa e extensão, por meio das atividades do Observatório das Juventudes e Violências nas Escolas (OBJUVE), inseridas numa das linhas de atuação do Núcleo de Estudos e Pesquisas "Educação, Gênero e Cidadania" (NEPEGECI), na linha Educação, diversidades/diferença e inclusão, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd), da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Nesse espaço, os estudos e as pesquisas com e entre os/as jovens debruçam-se sobretudo acerca do que os potencializa, dando visibilidade aos processos de criação e às resistências, consideradas micropolíticas juvenis que possibilitam práticas educativas, artísticas e políticas frente às inúmeras exclusões e violações de direitos humanos, formas biopolíticas e necropolíticas dos diversos poderes institucionalizados. Cria-se linhas abissais de segregação social

> [...] um sistema de distinções visíveis e invisíveis, onde a ciência, o direito, a religião, principalmente, oferecem os fundamentos, sobretudo, pelo que distingue o legal do ilegal e tudo em torno da moralidade dicotômica: bom versus ruim, bem versus mal, branco versus preto, puro versus impuro, cristão versus pagão, urbano versus periférico. O sistema de diferenciação demarca as fronteiras entre o 'normal' e o 'desvio', afirmando o 'normal' como o centro e o 'diferente' como a margem. (ADAD; SANTOS, 2021, p.04).

Sem a abertura e a disposição necessárias a uma aproximação dos desejos e das inquietações juvenis, perde-se a riqueza de possibilidades experimentadas pelas juventudes em diferentes manifestações de sociabilidades, marcadas sobretudo pela produção cultural e das artes, tais como a música, a poesia, o teatro e a dança, dentre outros. Assim, se o foco de atenção for privilegiar as ações de jovens como inconsequentes, negam-se significados e realidades gestados por esses sujeites, que teimam em mostrar e descobrir aquilo que queremos ignorar, relegar e esconder. A contrapelo, entendemos que o "niilismo" desses sujeitos pode ser visto como a recusa simbólica da sociedade e das instituições, e denota a falência das práticas instituídas que reduzem as juventudes a modelos homogêneos e padronizados do que podem e devem ser. (ADAD; SILVA, 2021).

Deste modo, ressaltamos que f**a**lar nas ocupações presentificadas pelo corpo juvenil nos interstícios citadinos é considerá-las re_eXistências, práticas educativas, artísticas e políticas que se movimenta num campo ambíguo de conceituação tecido em um terreno de constantes transformações. Sendo uma invenção moderna, a juventude se constitui enquanto categoria social apenas no final do século XIX, no que se refere a definição de um intervalo entre a infância e vida adulta e ganha contornos mais nítidos no final do século XX. Como uma produção social e cultural, mais do que qualquer outra categoria, tem a característica de ser irredutível a uma definição concreta e estável, pois se configura a partir de diversos estilos culturais imprimindo nos cenários que circulam múltiplas juventudes.

Nesse sentido, compreendemos que em qualquer circunstância, as/os jovens são intermináveis, podendo ser continuamente metamorfoseados. Como, então, seria possível fixá-los em tabelas, criar-lhes rótulos, sendo eles móveis, mutantes e fugidios? "Um jovem já é a representação de muitos e, se ele não foi domesticado, é um povoamento" (ADAD; SILVA, 2021, p. 05). Por isso, acreditamos que é preciso descolonizar as imagens estigmatizantes produzidas sobre as juventudes e, ao longo dos nossos trabalhos com/entre jovens, aprendemos que pesquisar e lidar com eles é possível desde que se acredite neles e em suas capacidades.

Assim sendo, neste texto, trazemos a força vital que permeia as práticas juvenis, considerando as ocupações urbanas, por exemplo, como práticas que permitem aos/às jovens formulem questões significativas, propondo ações relevantes e efetuando uma relação dialógica com outras pessoas, inclusive de outras gerações e de outros espaços da cidade, contribuindo para a solução dos problemas sociais, apontando formulações para os programas públicos que passam a ser guiadas pelos interesses de jovens, ou seja, por eles/as mesmos/as, realçando-os/as como aptos/as para participarem dos processos de invenção de si, de mundos e da negociação de seus próprios direitos (SILVA, 2020).

Ocupamos, logo re_eXistimos!

Ocupar e resistir! Lutar pra garantir! Esses são alguns dos versos que ecoam a resistência das ocupações coletivas juvenis que insurgem e se multiplicam pelo Brasil a partir de 2013. Em defesa das escolas secundaristas, do transporte público de qualidade, do meio ambiente, dos direitos LGBTQIA+, da igualdade de gênero, dos grupos sub-representados como indígenas e afrobrasileires, coletivos e iniciativas coletivas passaram a se organizar e ocupar espaços públicos e/ou privados, de maneira cada vez mais significativa e potente, de norte a sul do território brasileiro.

Partindo de experiVivências junto a coletivos e iniciativas coletivas na cidade de Teresina, capital do Piauí. Essa escrita trata-se de um relato de experiência sobre o estudo da dimensão e complexidade desses agrupamentos, seus processos criativos de ações colaborativas e implicações político-sociais na contemporaneidade. É necessário salientar que há diferença entre coletivos e iniciativas coletivas:

> Os coletivos podem ser mais ou menos fechados, possuir formação fixa ou um núcleo central em torno do qual se agregam distintos parceiros. As iniciativas, porém, são projetos com autogestão de equipes de trabalho constituídas por artistas ou mistas, formadas para determinado fim, sem objetivar a formação de um coletivo (PAIM, 2012, p. 7-8).

No entanto, ambos buscam a realização e visibilidade de seus projetos e proposições através das linguagens artísticas – performances, instalações, *flash mobs*, *graffitis* etc – estando, na sua maioria, relacionadas à ocupação dos espaços urbanos em constante movimento de desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

O estudo resultado de nossas inquietações com o crescente surgimento de coletivos juvenis em Teresina/PI desde 2012, parte de pesquisas relacionadas aos conceitos de coletivo; as vanguardas europeias e brasileiras precursoras das artes de associação e iniciativa coletiva; aos movimentos de ativismo artístico; bem como do levantamento dos coletivos juvenis ARTEVistas existentes e atuantes no espaço público daquela cidade, entre os anos de 2012-2021. ARTEvista, desse modo, é um termo usado para designar ativistas culturais e políticos que usam linguagens artísticas em suas proposições buscando visibilidade e engajamento para atingir seus objetivos, uma união entre *Arte + Ativista*, e não necessariamente, entre artista e ativista. Ativismo compreendido sob a perspectiva das Ciências Políticas, como um movimento que almeja alcançar uma transformação social e política, sendo uma prática política

> que persiga a subversão da subjetividade de modo a permitir um agenciamento de singularidades desejantes, deve investir o próprio coração da subjetividade dominante, produzindo um jogo que a revela, ao invés de denunciá-la. Isso quer dizer que, ao invés de pretendermos a liberdade [...] temos de retomar o espaço da farsa, produzindo, inventando subjetividades delirantes que, num embate com a subjetividade capitalista, a façam desmoronar (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 30).

Trata-se de percepções à deriva e subversivas sobre o movimento, as subjetividades, as resistências de coletivos juvenis e as implicações educativas, artísticas, políticas e sociais desses agrupamentos de intervenção urbana que se organizam a partir de processos de identificação, interesses comuns e mobilizações autônomas e independentes, subvertendo a ordem a criando outras/novas formas de praticar a cidade (Imagem 01)

Imagem 01. Fonte: Arquivo das autoras

As reflexões e debates referentes ao papel educativo, político e social da arte; as mudanças estéticas e organizacionais que apresentam novas relações entre arte e política, tanto na comunidade artística quanto na acadêmica, acirraram-se a partir dos anos de 1960 (LEITE, 2020). Nesse contexto são organizados os primeiros grupos de coletivos e/ou iniciativas coletivas de resistência que lançam mãos de linguagens artísticas em suas ações e cuja preocupação são os centros urbanos, sua dimensão e complexidade frente à pós-modernidade.

> [...] Sob influência de movimentos artísticos antecessores e as discussões que se desenvolviam na intertextualidade do campo artístico e cultural, o conceito de "coletivo" faz referência a um tipo de grupalidade, mas também a um conjunto de discussões sobre arte e outros campos, a uma linha de proposições estético-políticas, a dinâmicas de organização grupal e a questionamentos sobre diferentes níveis e planos nos quais "a política" se localiza no fazer artístico (ROCHA, 2009, p. 11)

No Brasil, no final dos anos 1970, nasce o grupo "TupiNãoDá" (SP), pioneiro na realização de intervenções urbanas que marca a primeira geração de grafiteires do país. Nos anos 80, os coletivos são impulsionados por projetos que envolvem arte de rua e por associações coletivas em rede. Em 1983, o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC/USP), executa o projeto "Arte na Rua", objetivando ampliar seu público através do uso de outdoors em espaços públicos da cidade de São Paulo. A partir daí, coletivos de artistas ou multiprofissionais passam a se organizar em quase todos os grandes centros urbanos do território brasileiro.

Os *modos de fazer* dos coletivos e iniciativas coletivas são múltiplos e transdisciplinares, variando conforme as inquietações, atravessamentos e contextos que envolvem estes agrupamentos. Há enésimas práticas pelas quais os indivíduos ou grupos se re_apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural (PAIM, 2012).

> Estas formações associativas por *seus modo*s de fazer respondem de imediato a vida com a oposição ou a interrogação sobre as verdades aceitas. Resistem a alienação de si e as injustiças sociais. Criam desvios e subvertem a ordem. São procedimentos resistentes. O método que adotam é uma ação tática: apropriação de uma verdade pré-existente e produção de outro(s) sentido(s) (PAIM, 2012, p. 25).

As práticas educativas, artísticas e políticas dos coletivos juvenis de resistência criam lugares, mesmo que efêmeros, onde havia espaços vazios ou de outros usos na cidade. Desse modo, "o espaço é um lugar praticado" (CERTEAU, 2008) e as intervenções urbanas "[...] determinam uma forma de experiência específica que está de acordo ou desacordo com outras formas de experiência; uma forma específica de visibilidade, uma modificação das relações entre formas sensíveis e regimes de significação" (RANCIÈRE, 2007, p. 155). Assim, como já expresso acerca do que entendemos sobre práticas políticas, falar sobre em práticas educativas

> é falar sobre o que se movimenta, o que se produz e se cria na educação [...] Também é falar que o conhecimento produzido não é mera abstração representacional que espelha o mundo ou os modos de mirá-lo, mas, sim, modos de produzir mundos, realçando a educação como diversa, múltipla em singularidades. Educações, portanto, é o que se tem! Pensar no plural produz exigências ao pesquisador, pois, sendo um campo aberto de conceituações, possui a característica de ser irredutível a uma definição concreta e estável. Neste caso, os sentidos de prática educativa são amplos e compreendem todas as práticas nas suas mais variadas formas que os processos educacionais permitem. Tem como objeto o conhecimento acumulado culturalmente pela sociedade. Torna visível o educar, a inserção cultural do sujeito na sociedade a que pertence, práticas educativas assumidas por várias instituições, como a família, a religião, o Estado, também a escola. Neste caso, conceituar prática educativa é um caminho instável e não deve ser tomado como universal e mera abstração pertencente a um universo transcendente onde o conceito permanece adormecido em um livro por uma eternidade. Há concretude na educação por dizer respeito às relações complexas e paradoxais que nos constituem; por isso mesmo, algo a ser feito e refeito continuamente. Outro ponto se torna fundamental, o de problematizar sentidos e significados arraigados da prática educativa e dos modelos acostumados adquiridos no processo formativo. Isto provoca questões, como, por exemplo, a quem se destina nossas práticas educativas? Produzir conceitos tem a ver com o sangue e o suor na guerrilha das palavras. E nessa guerrilha, há perigo quando se homogeneíza, essencializa e reduz a educação a uma prática, a uma história. E se é perigoso, então, temos sempre algo a fazer, em especial na Educação. (ADAD; LIMA; BRITO, 2021, p.21).

E, por sua vez, para nós, as práticas artísticas são:

> [...] os *modos de fazer* de artistas que atuam principalmente, mas não necessariamente, fora dos espaços tradicionais de visibilidade da Arte: museus, galerias comerciais e centros culturais. Essas práticas, cujas linguagens, a partir de categorias estéticas e acadêmicas, são comumente divididas em: artes visuais, teatro, música, cinema e dança, são inúmeras e se [re]inventam de acordo com os contextos, sujeitos, objetivos, e o movimento das ocupações em que são desenvolvidas; ao praticarem a cidade, é lhe dada a vida e ela se transforma em espaço ativo (LEITE, 2020, p. 79).

Ao serem ativados pelas práticas educativas, artísticas e políticas dos coletivos juvenis e das iniciativas coletivas, estes espaços se configuram como territórios de re_eXistência a partir da compreensão das práticas sociais e da construção de um projeto político de libertação dos desejos, dos corpes, da arte, da criação e da produção de subjetividades. Não se trata, porém, apenas de

resistir como oposição direta ao poder para se chegar ao poder, mas resistir ao que é imposto, as regras de dominação de nossas corpas e corpos, se libertando das representações pré-formadas, num movimento de des[re]construção dos papéis já construídos, para se reterritorializar em agrupamentos com outres sujeites.

Ser coletivo: experiVivências primevas em THE

Em Teresina, as experiVivências de coletivos de resistência que investigamos se organizam a partir de 2012, ano em que o Abacateiro – Laboratório de Articulação Coletiva, organiza uma exposição com coletivos juvenis recém-formados.

A expografia, nomeada “Poéticas do Coletivo”, aconteceu no Museu do Piauí Casa de Odilon Nunes, e ficou em cartaz de 11 de dezembro de 2012 a 30 de março de 2013. Daquela iniciativa, participaram os coletivos: Do Nada, Atelier Sapoti, O Bando, Cabeça de Chave, Diagonal e + Movimento, além das iniciativas coletivas do Núcleo do Dirceu e Abacateiro (Imagem 02).

Imagem 02. Fonte: acervo das autoras

A partir daquele momento, um período de efervescência artística-cultural pode ser percebido na cidade de Teresina/PI, onde a arte de rua emerge enquanto expressão educativa, artística e política que busca uma democratização da arte e suas linguagens, mas também seu uso como tática de resistência coletiva aos mecanismos de poder do CIStema capitalista heteronormativo judaico-cristão e patriarcal. As práticas artísticas coletivas como táticas de resistência:

> [...] não tem lugar senão a do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo, [...] e no espaço por ele controlado (CERTEAU, 2008, p. 100).

É no espaço controlado pelas instituições de poder - “dentro do campo inimigo”, os espaços públicos urbanos, que jovens organizades em coletivos e iniciativas coletivas passam a praticar a cidade baseades no princípio da autogestão, adotando posicionamentos críticos diante da situação política e cultural do país. Nesse sentido, as intervenções/ocupações urbanas realizadas pelos coletivos juvenis que investigamos, voltam seu olhar principalmente para espaços da cidade negligenciados pelo poder público e/ou ameaçados pela iniciativa privada e o mercado imobiliário que transformam violentamente a paisagem e o patrimônio histórico da cidade de Teresina/PI e como tática:

> [...] opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever as saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astuciosa (CERTEAU, 2008, p. 100).

Imagem 03. Fonte: Acervo das autoras

Na imagem 03, vemos as intervenções/ocupações coletivas aqui compreendidas como Zonas Autônomas Temporárias (TAZ), ideia desenvolvida por Hakim Bay (1985). A TAZ são espaços de liberdade onde um agrupamento voluntário de pessoas se organiza para o desenvolvimento de atividades coletivas sem submissão ao controle de hierarquias opressivas ou instituições autoritárias e repressoras como a Escola, Universidades, Igrejas e o Estado.

> A versão mais atual da TAZ está nas utopias piratas. As utopias piratas são organizações de resistência que permitem aos seus integrantes viver sem prisões como o contrato social ou dirigentes. Os piratas, de acordo com Hakim Bey, possuíam um sistema muito sofisticado para troca de informação. Esse sistema funcionava por meio de códigos (também chamados de artigos) que cada pirata poderia utilizar em qualquer momento ou lugar. (FREITAS, 2013, p 02).

Parte da organização e mobilização de coletivos e iniciativas coletivas juvenis ocorrem no ciberespaço, em redes sociais onde agrupamentos são formados e, com a rapidez característica do ambiente virtual, através de linguagens artísticas, propagam suas ideias, ações, inquietações e interesses.

> O interesse de jovens coletivos de artistas pelas ações de caráter inusitado e contestatório na cena artística se intensificou, após mais de três décadas de ações compartilhadas. Dos espaços de circulação nas redes urbanas, emergimos para o ciberespaço por meio de redes digitais e híbridas. Um fator decisivo para a potencialização e ampliação das redes dos coletivos de arte foi a emergência da internet, com suas características próprias e ferramentas pertencentes à cibercultura. (NAJIMA, 2010, p 46).

Nesse cenário, diversos coletivos desempenharam importante papel enquanto crítica, resistência e ativismo social que envolve várias camadas da sociedade e a esfera pública, ressignificando espaços citadinos. Utilizando linguagem híbrida, com processos organizacionais e metodológicos específicos, esses agrupamentos re_inventam signos, o modo de ser, pensar e atuar coletivamente na rua ou/e em rede. Dentre os coletivos e iniciativas coletivas que surgem em Teresina/PI desde 2012, está o movimento OcupARTHe cujas proposições ARTEvistas orientam as escritas deste estudo. O que dizer do OcupARTHE? Siga as pistas!

OcupARTHE: arte política que inventa afetos

O OcupARTHE é um movimento coletivo que surgiu em Teresina/PI, em 2014, formado por artista, ativistas, estudantes e multiprofissionais, objetivando, através de intervenções artísticas, educativas e políticas nos espaços urbanos, dialogar e instigar a comunidade e citadines a refletir sobre a cidade e suas problemáticas.

É um fazer arte na rua, pensando e sentindo a rua, a cidade e citadines, levando em conta que no cenário urbano da contemporaneidade há uma multiplicidade de espaços e temporalidades peculiares e contraditórias que revelam formas e conteúdos de relações sociais diversas. “[...] Ao mesmo tempo que produzem luzes claras, coloridas, que nos dão a sensação de que tudo é visto e dito, também delimitam espaços escuros, não vistos, “invisíveis” e “inexistentes” (ADAD, 2011, p. 35).

Imagem 04. Fonte: arquivo das autoras

Esses jovens, dentre os quais muites não se conheciam e mesmo não se viam antes, se reconheceram através de uma oficina de grafite ministrada pelo artista urbano Alberto Tavares, o Panzer, produzida pela ARTEvista (LEITE, 2020), em 2013, que depois daria origem ao OCUPARTHE. Atravessades pela experiVivências e trocas com_partilhadas através da arte de rua, membros do grupo, ainda durante a oficina, a se uniram para criar uma Crew[1], a #PAAC – Pixo Arte Ataque Coletivo –, que daria origem depois ao OcupARTHE, um devir "[...] provocar e produzir transformações subjetivas ou de inventar vetores de existencialização num mundo marcado pela desterritorialização, pela desertificação e pelo empobrecimento tanto dos territórios geográficos como dos existenciais" (GORCZEVSKI, 2017, p. 10).

Pensando a cidade, as práticas educativas, artísticas e políticas de intervenção urbana e os movimentos de ocupação de coletivos que emergiram em todo Brasil, além dos integrantes da PAAC, outros jovens artistas, ativistas, multiprofissionais, envolveram-se em um processo de mobilização, planejamento e produção de uma intervenção/ocupação no centro histórico da Teresina/PI, realizada em abril de 2014, dando origem ao OcupARTHE (Imagem 04). O grupo se denominou e reconheceu como movimento coletivo se assumindo como:

> [...] uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao socius, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais que uma lógica de conjuntos circunscritos (GUATTARI, 1992, p. 20).

As intervenções/ocupações urbanas praticadas pelo OcupARTHE nos espaços públicos têm caráter educativo, político pois crítico e reflexivo configurando-se como tática de re_eXistência coletiva pois subvertem a ordem, uma vez que o movimento nunca pediu autorização para ocupar e praticar a cidade, pois:

> O ambiente no qual a cultura de rua se afirma e se aproxima da comunidade, expressando desejos, sonhos, atraindo jovens para a dança e a produção cultural, de forma a diminuir a inserção dos mais pobres no crime, fazendo-os, portanto, experimentar práticas políticas e cidadãs, inserindo-os na cena pública para além da figura de espectadores passivos, colocando-os como criativos, num contexto que lhes nega a condição de ser criadores (ADAD; SILVA, 2021).

Assim, "ficava marcada a realidade de uma formação social e política que ia para além da noção tradicional de socialização política [...] uma auto-socialização política e, até mesmo, uma coeducação política entre as gerações, desafiando os limites tradicionalmente dados" (GROPPO, 2020, p. 25) ao mestiçar, defender e acreditar que podem intervir no espaço público utilizando de sua força vital, os/as jovens do OcupARTHE questionam/tensionam as ideias do mundo "pós moderno", globalizado e cada vez mais individualista, afirmando ser urgente a necessidade em produzir re_xistências em meio aos contextos citadinos em que vivem, a exemplo da Intervenção do referido coletivo na Praça Pedro II, centro histórico de Teresina/PI, problematizando a passagem da tocha olímpica pela capital, em 2016, no contexto político "FORA TEMER", no Brasil (Imagem 05).

[1] Termo usado no graffiti para definir grupos que fazem trabalhos coletivos.

Imagem 5. Fonte: Acervo das autoras

As experiências provocadas nas intervenções/ocupações são capazes de remodelar a comunicação urbana, potencializando o uso dos lugares transformados em território de criação, circulação, fruição artística e conhecimentos. Estas, além de estética, educativa e política como já expresso, possuem caráter ético.

> Ética, porque indica a decisão do falante de fazer-se responsável por seu discurso; estética, já que reconhece a importância do conteúdo, da forma e dos vínculos específicos que esta cria; e política, porque pretende um lugar no emaranhado das relações contemporâneas (NAJMANOVICH. 2001, p. 08).

Nas ações realizadas, pensando ética e politicamente, e lançando mão da estética e da arte como linguagem, o movimento aborda temáticas interseccionais que se relacionam e dialogam com a história e memória afetiva do espaço em que as intervenções/ocupações acontecem, levantando questões que atravessam as relações sociais junto a comunidade, construindo alianças na luta e defesa dos territórios tradicionais e patrimônio cultural, por educação pública de qualidade, contra violências de gênero, pelo direito à cidade, conscientes de que atuar coletivamente é:

> Agir no campo da transversalidade, o que significa produzir formas de subjetividade, trabalhar com a cooperação e o predomínio de interconexões múltiplas, fluidas e mutáveis, num intenso processo de desterritorialização e territorialização das relações sociais. É necessário ressaltar que essa transversalidade implica, por exemplo, em possíveis articulações com a tecnologia e a ciência, assim como a produção de conhecimento autônomo, dialogando com públicos específicos ou de diferentes camadas sociais (NAJIMA, 2010, p. 16).

Em diálogo com a comunidade, privilegiando as narrativas de re_eXistência de grupos sub-representados, amplificando e ecoando as lutas desses grupos, o coletivo segue em aliança, em rede com outros movimentos e agrupamentos realizando proposições ARTEvistas no contexto da pandemia decorrente da covid-19, em que os ambiente virtual se tornou território ainda mais potente para a articulação, mobilização e fruição de coletivos juvenis.

> O interesse de jovens coletivos de artistas pelas ações de caráter inusitado e contestatório na cena artística se intensificou, após mais de três décadas de ações compartilhadas. Dos espaços de circulação nas redes urbanas, emergimos para o ciberespaço por meio de redes digitais e híbridas. Um fator decisivo para a potencialização e ampliação das redes dos coletivos de arte foi a emergência da internet, com suas características próprias e ferramentas pertencentes à cibercultura (NAJIMA, 2010, p. 46).

O ciberespaço foi, desde a origem do OcupARTHE, território de articulação, mobilização, comunicação e propagação de ideias, inquietações e práticas artísticas do coletivo. Através de suas redes sociais – perfil no *facebook* e *instagram* – o grupo convida a comunidade a participar ativamente das intervenções/ocupações, expõe os resultados alcançados através de suas ARTEvidades, apoia, com_partilha e engaja movimentos e articulações coletivas cujas pautas acredita e defende, como o movimento popular "Lagoas do Norte pra Quem?", cuja aliança na luta e re_eXistência pelo direito à moradia e território tradicional na zona norte de Teresina/PI, se dá desde 2017.

Em janeiro de 2020, antes da pandemia em decorrência da covid-19, o OcupARTE e o movimento "Lagoas do Norte pra Quem?", através de articulação em rede teceu alianças com as iniciativas coletivas juvenis de Teresina/PI "Xaninhas" e "Ocupa a Frei", com jovens estudantes de Artes Visuais da Universidade Federal do Estado do Piauí – UFPI e com a Organização do poder popular - OPA realizando, até então, sua última intervenção/ocupação de rua (Imagens 06 e 07).

Imagens 06 e 07. Fonte: Acervo das autoras

O palco da ação do coletivo ARTEVista e demais iniciativas coletivas foi a Avenida Frei Serafim, um dos históricos e principais cartões postais da capital, cuja paisagem estava sendo ameaçada por projeto arquitetônico da Prefeitura Municipal de Teresina - PMT que previa a construção de 07 terminais de integração ao longo da avenida. Na ocasião foram realizadas intervenções, instalações fotográficas, performances, apresentações musicais, leitura de poesia e apresentação artística do Bumba Meu Boi "Touro da Ilha". Como conquista coletiva, ressaltamos que aquele projeto arquitetônico foi embargado pelo Ministério Público Federal.

Em março de 2021, após um ano de enfrentamento da pandemia da covid-19, em meio ao isolamento social, incertezas, perdas e desgoverno genocida, o coletivo retomou suas ARTEvidades, ocupando a redes sociais e mobilizando encontros virtuais sobretudo entre mulheres de vários estados do Brasil que atuam em defesa da vida em diferentes territórios de Abya Ayla [Américas], além do movimento "Lagoas do Norte pra Quem?" e a "Revista Amazonas" – uma revista feminista, anticapitalista, internacionalista e antirracista.

A ocupação_encontro, realizada através da plataforma *google meet* e transmitida pela rede social Facebook, se deu a partir da aliança afetiva e em rede de mulheres Cis e Trans, aquilombadas, indígenas, brasileiras, estrangeiras, do nordeste ao sudeste do Brasil, que vêm re_eXistindo a violências de gênero, ao racismo, a homo e transfobia, ao CIStema de opressões sexista e patriarcal. A ocupação_encontro foi organizada em quatro diálogos insurgentes: **Corpas negras e o sopro de Iansã**, com a participação de ativistas e ARTEvistas de Salvador, Recife e Teresina; **Mandi, saberes indígenas e quilombolas**, com indígenas do Piauí e quilombolas do Piauí e da Bahia; **Aquilombamento de Mulheridades**, com pesquisadoras e ARTEvistas Trans e Travestis; e Tecendo em redes e conexões multiculturais, com ativistas da Alemanha, Nicarágua e Brasil (Imagem 08).

Imagem 8. Fonte: arquivo das pesquisadoras

A arte como tática de re_eXistência de coletivos juvenis como o OcupARTHE subverte a ordem e transgride os padrões impostos pelo CIStema[2] de dominação patriarcal, judaico-cristão, heteronormativo, racista e classista que exclui, marginaliza e invisibiliza grupos sub-representados. E é também potência criativa de vida que tece redes nos conecta e inventa afetos. Nas ocupações coletivas de resistência, outros/novos espaços sociais e relacionais são inventados.

Inventando e usando linguagens, tecnologias e práticas artísticas os coletivos juvenis dialogam, atravessam a comunidade. Tecem redes, re_conectam pessoas, inclusive de outras gerações, de outros espaços da cidade e as convidam re_pensar o cotidiano, as relações de poder que nos envolvem, pautadas por uma crescente e vergonhosa desigualdade social onde a maioria da população brasileira não tem direito sequer a educação e saúde básicas. Esses agrupamentos:

> [...] veem na Arte a possibilidade de criação de afetos e conhecimentos coletivos, de uma democracia cultural e artística, levando em consideração o papel

[2] CIStema é a crítica que se faz ao sistema hegemônico Cisgênero.

> fundamental da comunidade, que não pode ser percebida tão somente como consumidora e observadora pacífica, e sim como potência criativa, produtora de saberes. Essas ocupações questionam também os poderosos, as representações políticas e todo um sistema que quer nos manter reféns do capital, aprisionados a uma normatividade excludente e marginalizante (LEITE, 2020, p. 68).

Em meio a pandemia da covid-19, coletivos e iniciativas coletivas seguem questionando, intervindo nos centros urbanos e, consequentemente, criando narrativas insurgentes e divergentes a partir de processos de subjetivação de corpo todo, ou seja, relação indissociável entre corpo e mente. Esses agrupamentos subvertem a ordem, re_criam outras formas de com_viver no mundo e juntes inventam "ideias para adiar o fim do mundo" (KRENAK, 2019) sonhando outros mundos possíveis através da arte que inventa afetos, nos afeta e faz re_eXistir.

Por fim, ocupações juvenis como espaços que estão fora da escola e têm as artes, processos artísticos, poiésis como força vital coletiva e poética produzem conjunto sonoro ressonante que não nos deixam imune, anestesiadas. São práticas dissonantes que cá e acolá mancham os espaços formais de educação; contudo, não de forma que esses espaços controlem esses modos de educação, mas, ao contrário, para que a educação destes coletivos e iniciativas coletivas presentes nas suas práticas possam esmaecer as formalidades e rigidez do campo educacional formal. (ADAD; SILVA, 2021).

Referências bibliográficas

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de Rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'Ark de Sousa; BRITO, Antônia Edna. Um começo, ao modo de (a)present(Ação). In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'Ark de Sousa; BRITO, Antônia Edna. (orgs). **Práticas Educativas:** múltiplas experiências na Educação. Fortaleza/CE: EdUECE, 2021, p. 23. Disponível em: http://www.uece.br/eduecewp/wp-content/uploads/sites/88/2013/07/PR%C3%81TICAS-EDUCATIVAS-M%C3%9ALTIPLAS-EXPERI%C3%8ANCIAS-EM-EDUCA%C3%87%C3%83O.pdf Acesso em: 01 mai 2022

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; SILVA, Krícia de Sousa. "LUZES QUE FAÍSCAM NO CAOS": MAQUINARIAS CONTRACOLONIAIS DAS JUVENTUDES DO MOVIMENTO HIP HOP EM TERESINA-PI. In: ALMEIDA, Elmir de; PINHEIRO, Leandro R; GROPPO, Antônio Luís; IRIART, Mirela Figueiredo dos Santos. **Movimentos Sociais, sujeitos e processos educativos:** uma antologia do Gt 03 da Anped. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021, p. 315-336.. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/images/almeida_et_al_movimentos_sociais_sujeitos_e_processos_educativos_1.pdf Acesso em: 15 abr 2022

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; SANTOS, Vanessa Nunes. Os tipos de violências e seus efeitos na convivência escolar: o que pensam as/os jovens. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; CASTILHO, Rosane (org.). **Juventudes brasileiras**: questões contemporâneas. Parnaíba/PI: Acadêmica Editorial, 2021, 43-62p.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 1, Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

FREITAS, J. C. C. de. **As zonas autônomas temporais enquanto espaço de produção do conhecimento e da ciência alternativa**. Disponível em: < https://cienciaeanarquismo.milharal.org/files/2013/12/Jan.pdf> Acesso em 24 de junho de 2017.

GROPPO, Luis Antonio. A pesquisa. In: GROPPO *et al.* **Coletivos juvenis na universidade e práticas formativas**: política, educação, cultura e religião**.** São Carlos: Pedro & João, 2020.

GUATTARI, F. **Caosmose.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 4.ed. Petropólis, RJ: Vozes, 1996.

GORCZEVSKI, D. **Arte que inventa afetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

LEITE, Luciana de Lima Lopes. **Ocupar é rexistir! práticas artísticas como tática de resistência.** Fortaleza/CE: EdUECE, 2020, 266 p. Disponível em: <file:///C:/Users/Claudino/Documents/TESE%20KR%C3%8DCIA%20PPGED.UFPI/PROJETO%20DE%20TESE/Nova%20pasta/Ocupar%20%C3%A9%20rexistir%20!%20pr%C3%A1ticas%20art%C3%ADsticas%20como%20t%C3%A1tica%20de%20resist%C3%AAncia.pdf>. Acesso em: 05 mai 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideais para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

NAJIMA, Fabiana Mitsue. **Coletivos em arte**: novas formas de organização. 151fl. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2010. Disponível em: https://fabianamitsue.files.wordpress.com/2011/05/fabiana-mitsue-najima_coletivos-em-rede_-pgeha_usp-final.pdf Acesso em: 15 mai de 2022.

NAJIMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado:** questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PAIM, Claudia. **Táticas de artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados.** Porto Alegre: Panorama Crítico Ed., 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROCHA, Lúcia Naser. **Coletivos Artísticos Brasileiros**: um estudo de caso sobre discursos e subjetividade política nos processos colaborativos em artes. 248fl. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9619/1/Dissertacao%2520Rocha%2520_seg.pdf Acesso em: 20 abr 2022

SILVA, Maria do Socorro. Borges da; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; SILVA, Krícia de Sousa. Juventudes, comunidades periféricas, direitos humanos e educação. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, 2020. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9155/8049 Acesso em: 10 jun. 2021.